

FREIRE, Marcelino. *Angu de sangue*.

São Paulo: Ateliê Editorial, 2000. 144 p.

FATAIS DESDOBRAMENTOS DE UMA LUTA DESIGUAL

Reserve em um recipiente grande e não refratário subjetividades dissolvidas em pó ou identidades nem mesmo constituídas; acrescente modos de sociabilidade pautados na exclusão e no silenciamento prazerosos do outro; mantenha tudo em ambiente propício à propagação da vontade de domínio, durante o tempo necessário para que se processem reações violentas. Então, regue generosamente com o sangue de humilhados e ofendidos renovado durante séculos de luta desigual. Leve a forno com temperatura alta e sirva, ainda quente, em pequenas porções. Essa mistura explosiva pode ser muito familiar como receita de formação de um país; entretanto, traz também os principais ingredientes que dão forma ao novo livro de Marcelino Freire, *Angu de sangue*, publicado pela Ateliê Editorial (SP).

O título dessa coletânea de contos remete o leitor ao tema da nutrição e de sua causa – a fome; e já explicita a liga que reunirá os fragmentos aparentemente autônomos em porção unitária final: a combinação – em alta dose – de morte e violência. O nome traz ainda – como ilustração exemplar de um experimentado procedimento formal – a marca facilmente observável em praticamente todas as histórias: o ludismo verbal, o jogo sonoro-semântico com os significantes que pretende servir como viga de sustentação das narrativas. Finalmente, a expressão *angu de sangue* funciona como meticulosa fórmula de atratividade, prometendo responder à voracidade do leitor com uma massa consistente, palatável e satisfatória (embora quem leia, cozinhe ou escreva há muito já saiba, prevenido e escaldado: ficam sempre os caroços...).

Muitas das narrativas herdaram das tradicionais receitas culinárias o tom de prescrição e o modo imperativo, intimando diretamente à ação. E o leitor que, desavisadamente, espera encontrar no recheio do livro a facilidade e o entretenimento das tramas policiais (mais uma possível sugestão-armadilha do intrigante título), depara-se logo – desiludido e intimado – com a epígrafe de Ariano Suassuna, misto de provocação, apelo e agressão: “Eu precisaria de alguém que me ouvisse. Mas que me ouvisse sentindo cada palavra como um tiro ou uma facada. Cada palavra e seu significado sangrento”. A violência e o confronto transferem-se para o processo de leitura, como exigências de um pacto, de uma difícil tentativa de interlocução. A escritura de Freire mimetiza, assim,

seu referente e seu principal motivo temático e quer-se lâmina afiada, soco no estômago (preferencialmente cheio).

Mas mexamos no angu. O ringue principal, cenário privilegiado das multiplicadas lutas de morte, é a urbe contemporânea, metrópole tentacular, excludente e violenta, “a cidade ácida” (São Paulo ou Rio de Janeiro, por exemplo). Nos contos escritos em primeira pessoa, diferentes narradores apresentam-se ao público: ora *ouvimos* uma *catadora* de lixo ameaçada de despejo, com dedo em riste; ou um velho ressentido, vivente do amor falhado e portador da experiência da *falta* (sua idéia fixa); ora quem *fala* é a irmã invejosa e delatora que se esconde atrás do consensual puritanismo familiar para denegar seus próprios desejos; ou o cidadão e trabalhador financeiramente falido que é obrigado, por comparação, a se enxergar na condição culposa de privilegiado. E tantos outros... Quando em terceira pessoa, o foco narrativo traz à tona um registro oscilante entre o baixo calão e o sensacionalismo publicitário do jornalismo marrom e o beletrismo rococó dos poetas de repartição. E parece mesmo ser essa profusão de vozes um dos senões do livros, dando corpo a alguns dos poucos carços desse angu.

Se a engenhosa variação de pontos de vista confere agilidade aos entrecchos, ocasiona também, por vezes, certo estranhamento muito próprio a tudo aquilo que peca pela pouca verossimilhança. Afinal, a impossibilidade de identificação efetiva entre os despossuídos e os detentores do direito de voz – dentre os quais, por paradoxal que pareça num país como o nosso, estão os intelectuais, artistas, escritores, *produtores de sentido* – gesta melhores frutos quando assumida como conflito, dramática inviabilidade de compaixão (de *sófrer-com*), como mais ou menos programática manifestação de interesse e empatia pelos desvalidos ou simples denúncia de uma espécie qualquer de piedade culpada ou de fracassada solidariedade (talvez o melhor exemplo dessa linhagem na literatura brasileira recente seja ainda o depoimento do narrador Rodrigo S. M., no romance *A hora da estrela*, de Clarice Lispector). Também a oralidade, tão verificavelmente propagada nos contos como opção estilística, torna-se em alguns momentos evidente simulação, soando como voz em falsete. E, por fim, até mesmo o disseminado jogo poético com a sonoridade dos significantes (o qual produz em não raras ocorrências efeitos notáveis, verdadeiramente iluminadores) parece resultar aqui e ali antes de um exercício estilístico retórico esvaziado de sentido do que de uma necessidade formal, de uma real exigência da matéria.

A riqueza do livro, seu tempero original mais discernível, reside então nos caleidoscópicos desdobramentos dos temas do confronto e da morte em praticamente todas as narrativas. Nunca resolvida, a luta de classes retorna ob-

sessivamente como batalha sangrenta, cíclica e cotidiana (“J. C. J.”) ou motivo de incômoda reivindicação renitente (“Volte outro dia”); a violência pulveriza-se, ritualizada como luta e esporte (“Os casais”), ou aparece como tonalidade dissonante no retrato fabular do fabuloso País do Bem (“Faz de conta que não foi. Nada.”); a morte ora é produto final da generalização do crime nos âmbitos público e privado (no conto cujo título dá nome ao volume), ora se confunde com o desejo concupiscente e a perversão (“Sentimentos”), à moda de Nelson Rodrigues ou Georges Bataille, ora aparece como tema em pauta para discussão na irônica reversão do lugar-comum de que a morte iguala a todos (“The end”).

As paranóias modernas, a proliferação de imagens labirínticas, a angústia persecutória, a banalização da miséria pela mídia, a divulgação massificante da violência, o flagrante realista, os seqüestros e estupros, o masoquismo e o incesto, a fetichização do corpo e do sexo, o amor desaturizado como mercadoria sujeita às leis do mercado, a ironia, a repetição (sonora e vocabular), a fragmentação da narrativa e a ruptura da ordem sintática, tudo compõe o universo estilístico e imagético da coletânea. As belas montagens fotográficas de Jobalo – em preto, verde e vermelho – engrossam o caldo, ilustrando alguns enredos com imagens sugestivas e ambíguas de um organismo social doente, oferecendo a radiografia da condição e destino de um povo condenado.

Ao fim, a leitura do conjunto de pequenas narrativas permite mesmo a revalorização (positiva) das partes, ressignificados até alguns excessos e defeitos. Relido, o primeiro conto (“Muribeca”), por exemplo, parece finalmente metaforizar o próprio lugar da figura do autor, do “literato” e intelectual, frente a tal estado de coisas. Valorize-se o esforço de Marcelino Freire que, como sua narradora, busca uma voz, um lugar de fala, uma forma de resistência, em meio a tanto lixo cultural. Resta torcer para que o empenho não se perca e não se reverta no angu-de-carço em que infelizmente tem resultado boa parte da produção literária contemporânea no Brasil, marcada pela condescendência do compadrio, pelas trocas de favores entre autores e críticos, pelo elogio mútuo, pelo apoio retrógrado em sobrenomes supostamente ilustres e *autorizados* e pela auto-referencialidade narcísica.

Esperemos os próximos pratos.

Gilberto Figueiredo Martins
Doutorando em Letras
Universidade de São Paulo